



entrevista com
valdenor de almeida

Entrevista com Valdenor de Almeida Araújo, repentista e professor. Nascido em Pombal-PB, em 29 de maio de 1964. Entrevista realizada na Casa do Cantador, em Ceilândia-DF, dia 11 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Projeto
VIOLA central

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Domingos: O senhor é natural de onde?

Valdenor: Eu sou de Pombal, na Paraíba. Contato com viola, eu comecei logo desde menino. Mas cantar mesmo eu comecei a partir dos dezoito anos. A gente começou a cantar brincando com o colega e aí a gente foi levando a coisa mais a sério. Até que começou a participar de programas de rádio, nos programas de colegas... Depois a gente colocou um programa nosso e começou a fazer Cantoria. Aí a coisa foi fluindo automaticamente, a gente começa e vai automático. A gente chega a se profissionalizar.

Domingos: E logo na infância o senhor já assistia cantadores?

Valdenor: Lembro a primeira Cantoria que assisti, no rádio, a gente já ouvia nesse tempo. Tinha programas de rádio e a gente sempre escutava. E aos oito anos de idade eu tive contato visual com a primeira Cantoria. Era um cantador que surgiu lá cantando sozinho, até fora dos padrões da Cantoria, que é feita em dupla. Depois começaram a virem mais outras e outras e a gente já gostava, pois é uma coisa que é passada de geração pra geração no Nordeste. Principalmente aquelas épocas de setenta e poucos pra oitenta. Depois disso onde tinha uma Cantoria a gente ia assistir, qualquer distância.

Domingos: Na família do senhor já havia cantadores?

Valdenor: Não, não, eu sou o primeiro repentista na minha família. Não tem nenhum outro. Tem um irmão meu que brinca às vezes com a gente, mas nunca se profissionalizou.

Domingos: E por que você acha que você foi pra Cantoria?

Valdenor: A gente vai quase que automaticamente, mas eu fui muito incentivado por um colega. O colega que iniciou cantando comigo comprou uma viola e brincava só em casa mesmo. E eu cantava brincando com ele sem viola, sem nada, até que ele me incentivou pra comprar uma viola pra gente brincar. Até então eu comprei no pensamento só de a gente continuar brincando por ali. Mas quando a gente começou, afinou as violas e arrumou, um amigo da gente organizou uma Cantoria e chamou pra gente fazer, que foi a nossa primeira Cantoria. A gente tinha participado uma vez numa Cantoria de dois cantadores, foram cantar lá e a gente fez uma participaçãozinha. Mas aí, essa, ele foi organizar pra gente. Então nós fizemos a primeira Cantoria, muita gente. A gente se empolgou bastante e foram surgindo outras e quem estava na Cantoria chamou pra fazer outra... Depois surgiu mais outra e a gente foi tocando em frente. Sem querer caiu dentro da profissão e continuou.

Domingos: Foi difícil o aprendizado, aprender a cantar as métricas e fazer o ponteado na viola?

Valdenor: A maior parte dos cantadores começa cantando pouco mesmo. Então, às vezes, no início a gente ainda errando, fazendo rimas erradas... Mas com o tempo a gente foi se aperfeiçoando. A questão de rima e métrica, ela parece quando conta que uma sextilha, por exemplo, a gente tem que fazer seis versos e as rimas tem que ser colocadas na segunda, na

quarta e na sexta linha. E cada verso dessa sextilha tem que ter sete sílabas. Quem não tem contato com a Cantoria acha que o difícil é isso, mas não é. A questão da rima e a métrica a gente já tem automático. A métrica, o próprio ritmo da Cantoria vai ditando a métrica. O difícil é a gente “colocar oração” como a gente chama, que é o conteúdo da coisa. A gente pode cantar rimando e metrificando, mas sem dizer nada, sem criatividade. Igual uma redação que você faz. Um professor pede uma redação, dá um tema e pede uma redação com vinte, trinta linhas. A pessoa faz a redação, mas não tem conteúdo. Então o mais difícil acaba se tornando o conteúdo que a gente tem que colocar, porque a gente nunca está satisfeito. Se você acerta, você quer acertar mais... O difícil é isso.

Domingos: E como foi o aprendizado da viola?

Valdenor: A viola, a gente até hoje ainda está aprendendo! Pra cantar Repente a viola não exige muito, porque é praticamente uma nota. Você pega um Lá Maior, pronto, o Repente é só isso aqui. O restante você faz mais é um “pinicadozinho”, um enfeitezinho a mais no baião, mas é isso aqui [*Toca na viola dinâmica.*] Então não é tão difícil, com o tempo você vai aprendendo. Agora, as notas mais aperfeiçoadas, você precisa quando passa a cantar canções. Porque a Cantoria, o principal é o Repente mesmo. Mas a gente [também] canta músicas que são chamadas de canções, escritas pelos próprios cantadores. E tem as declamações. Então a nossa Cantoria, ela tem esses três componentes: a gente usa declamações dos poemas escritos, só declamados; o Repente, que é o principal; e as canções, essas exigem toque igual a um violão, uma viola caipira. Mas aí também não são muitos especialistas em canções... Uma pequena parte da Cantoria é essa.

Domingos: O senhor poderia mostrar um pouquinho desse baião de viola que vocês repentistas fazem?

Valdenor: [*Toca baião na viola dinâmica.*] Cantar Repente é praticamente isso aqui. Então não é uma coisa difícil de tocar viola. Muitos cantadores, dos grandes cantadores, principalmente os mais antigos que tocavam... Até tocavam o baião, [mas] não era uma coisa muito exigente. Os da nova geração, hoje, tem um baião mais ritmado. Eles procuram sincronizar os baiões. A gente, há quatro, cinco décadas... Primeiro que as violas, muitas delas eram de cravelhas ainda, então afinava muito ruim. E tocavam um baião desencontrado com o outro. Hoje, a maior parte dos cantadores, está tocando os baiões. Você não sente que tem duas violas, é como se fosse só uma dentro da outra. Antes não, você tocava pra cima, pra baixo, enquanto um estava subindo, outro estava descendo. Hoje eles se cuidam mais nessa parte de toques de viola, as violas são mais aperfeiçoadas.

Domingos: Essa viola repentista, ela é diferente da viola caipira?

Valdenor: É. Em si, a viola é a própria. Tem esses tipos aqui... [Aponta para viola dinâmica.] Esse tipo de viola aqui chama viola dinâmica, com essas bocas. Aqui tem um disco de alumínio bem fininho dentro disso aqui, que é quem dá esse som mais abafado. Mas muitos cantadores cantam com viola simples. É a mesma viola caipira que os caipiras usam, só que a

afinação, o encordoamento, é diferente. De cima pra baixo, a gente usa uma Mi, uma... Vamos numerar pelas cordas do violão mesmo, uma primeira, depois vem uma terceira do violão e uma sexta do bordão do violão. As três funcionam como se fosse uma só. A gente coloca pertinho uma da outra, elas são afinadas num tom só. Aí depois vem uma quinta e pra baixo três primeiras. Só que afinadas em afinações... Mas a nota, dá a mesma de um violão. Apesar de ser uma outra afinação, a nota é a mesma do violão. Tanto que no acompanhamento de muitas canções, um toca em viola o outro em violão. E fica o som perfeito, se é afinado na mesma altura.

Domingos: E o que lhe serve de inspiração quando está cantando?

Valdenor: Olha, pra servir de inspiração... É o público. O público é uma... Porque a gente canta fazendo tudo de improviso. [Também] depende do dia que a gente está e depende muito de emoção. Se você tem mais emoção você cria mais. Então, quando a gente tem a interação entre a plateia e a gente, a gente sente. Você canta pra uma plateia maior, que está participando, aplaudindo a cada final de verso, você sente o retorno daquela energia que vai. E o que a gente cria, quem determina são os outros. Por exemplo, nos festivais, a gente não canta o que a gente quer, você vai depender do tema que vai cantar. A inspiração vai depender do momento seu, que tem dia que o cantor encontra mais fácil as palavras, as frases pra colocar. E a participação da plateia ajuda muito. Quando você participa de um festival, ou mesmo numa Cantoria, pra que você faça uma boa apresentação, o tema é muito importante. Porque às vezes cai um tema num festival muito difícil, muito ruim de cantar. Às vezes o tema é bom, mas não tem muito o que você criar dentro dele. Então o tema ajuda muito a você criar, e a participação do povo também é muito importante.

Domingos: O senhor poderia dar um exemplo pra gente de uma sextilha?

Valdenor: Você quer que cante ou que...

Domingos: É, cantando...

Valdenor: Então vamos pegar sextilhas que já foram cantadas, fica mais fácil porque ela sai perfeita. Pra gente criar, pode não sair. Uma sextilha que inclusive está num DVD da gente. A gente lançou um DVD, "Grandes momentos de festivais" que foram participações minhas e de João Santana em três festivais aqui da Casa [Casa do Cantador], que a gente participou de sete festivais, ganhou seis. Na Casa aqui, os seis que a gente participou a gente ganhou. Então em 2014 a gente pegou aqui um tema pra sextilha: "o mundo que eu quero ver". Então foi o tema que a gente pegou nas sextilhas. Deixe-me ver se eu lembro de uma estrofe, que João terminou uma sextilha dizendo... Acho que os países, uma coisa assim. E eu disse:

[Toca na viola dinâmica e canta versos de sua autoria:]

Que o mundo dos infelizes

Tenham paz interior.

Onde o valor do salário

Que é pago a um jogador.

Não seja cem vezes mais

Do que ganha um professor.

Valdenor: Essa é a sextilha. Nos festivais é lançado o tema, como esse, e a gente tem cinco minutos. O tanto de estrofes que der pra fazer dentro desses cinco minutos, a gente tem que obedecer a essa regra. As sextilhas, seis versos em cada estrofe, as rimas têm que ser: a segunda com a quarta e com a sexta tem que rimar. A primeira a gente tem que rimar com a última que o colega deixou. Chama “pegar na deixa.” Antigamente se cantava fora da deixa, não se usava. Hoje é obrigatório pegar na deixa do outro. Então, a gente já monta pensando no que o outro está terminando. E aí vêm os motes e vêm os outros gêneros de Cantoria. Geralmente, nos festivais, inicia-se com uma sextilha... Tem um mote em sete sílabas, que aí o tamanho de cada verso é o mesmo, sete sílabas, igual à sextilha, só que aí a estrofe é montada com dez versos. E aí não tem rima solta, porque na sextilha tem a terceira e a quinta você pode colocar o que você quiser. O mote não, você tem que colocar a primeira com a quarta e a quinta, a segunda com a terceira; a sexta e a sétima você já faz pensando no mote final e a oitava já com a nona. O mote, por exemplo... Um mote que tem num CD da dupla Os Nonatos: “A mídia mostra e obriga / O povo vê e aceita.” Com seus cinco minutos você tem que em toda estrofe terminar dizendo isso: “A mídia mostra e obriga / O povo vê e aceita.” Uma estrofe em que ele diz isso é:

O povo vendo novela

Apaga o filme da fome

Calça, veste, bebe e come

Alienado por ela

Nenhum dos produtos dela

O consumidor rejeita

Depois da cabeça feita

A gente esquece a barriga

A mídia mostra e obriga,

O povo vê e aceita.

Domingos: E quais são os outros gêneros?

Valdenor: Nos festivais, além do mote em sete tem o mote em dez, que é também uma mesma décima, só que a extensão da estrofe, ao invés de ser com sete sílabas, é com dez, que se chama “o martelo”, porque ele é um mote em dez. Por exemplo, caiu aqui num dos festivais: “Se você não souber, eu lhe ensino / A cantar a cultura universal.” Então é como se fosse um desafio com o outro. É desafio. A Cantoria em si já é um desafio porque a gente

tenta se superar a cada estrofe. Então já é um desafio contra a gente mesmo. E alguns temas são desafio contra o colega.

Domingos: E o mote em dez em martelo, como é?

Valdenor: É a mesma coisa, mesma coisa. Nesse mote, tem uma estrofe que está no DVD também, que é: “Se você não souber eu lhe ensino / A cantar a cultura universal.” Tem uma das estrofes lá minha, depois a gente assiste, eu disse...

*Dos remédios que existem faço um rol
Combatendo doença imprevisível
Pra quem tem pressão alta hoje é possível
Controlá-la tomando atenolol
Deve um médico indicar lanzoprazol
Para quem tiver úlcera estomacal
Buscopan cura cólica menstrual
E chá de boldo faz bem para o intestino
E se você não souber, eu lhe ensino
A cantar a cultura universal.*

Valdenor: Então a gente pega umas histórias, se você não souber disso e isso e isso. Dependendo do tema é o que a gente vai criando. É a mesma estrutura do mote em sete, só que é uma décima com dez sílabas cada uma. Aí vem o galope beira-mar. Tem as sete linhas, que é no mesmo estilo da sextilha, só que acrescenta mais uma linha. Ao invés de ser seis são sete, que aí a quinta com a sexta tem que rimar entre si. Aí fica, a primeira pega com a deixa do outro, a segunda tem que rimar com a quarta e com a sétima, e só fica duas sem rimar - as outras duas tem que ser rimadas.

Domingos: E tem um caminho para o encerramento da Cantoria?

Valdenor: Da Cantoria geralmente sim. Hoje em dia as Cantorias duram em torno de duas, três horas, mas o término da Cantoria em si é quando o povo já está começando a ir embora, a gente para. E a Cantoria, a gente fraciona em modalidades. Geralmente se inicia com uma sextilha e canta - se for uma Cantoria mesmo de pé de parede como a gente chama. O festival não. Festival já é determinado, você canta uma sextilha, o mote em sete, o mote em dez e às vezes tem um gênero final, um martelo alagoano, um galope à beira-mar, uma sete linhas, uma gemedeira, uma coisa assim. E a Cantoria não, você vai cantando e o povo vai solicitando. Geralmente se inicia com a sextilha, canta duas ou três sextilhas. Depois começa o povo pedir ou um gênero ou um mote. E vai sugerindo pra gente ir cantando. Hoje, num pé de parede a gente costuma cantar... Uma sextilha se canta cinco, seis, sete minutos no máximo, pra não ficar uma coisa muito maçante, muito monótona. Então a gente fraciona a Cantoria toda em pequenos... Chama baião de viola. Um baião de

cinco minutos, sete. Quando o assunto está muito bom você se estica pra oito minutos, nove, mas não deve passar disso.

Domingos: A gemedeira, como é?

Valdenor: A gemedeira é como se fosse uma sextilha... E no final aí termina: “aiai, uiui”. Aí diz o restante da coisa. É a mesma sextilha, só que você coloca isso antes da última linha. E tem o galope à beira-mar. Porque o galope beira-mar é como se fosse um galope mesmo de cavalo, dando aquele compasso de... O galope eu coloquei até num Cordel. Uma vez a gente fez um Cordel em projeto, que a gente teve Cantoria-Escola aqui. E a gente fez um trabalhinho cantando sobre o trânsito da época. A minha estrofe, ainda hoje lembro dela. Eu disse:

*Você motorista tome mais cuidado
Pra não se tornar vítima de acidente
Mantenha distância do carro da frente
Não feche o colega que vai do seu lado
Não vá dirigir alcoolizado
Nem passar correndo onde é pra parar
Porque quem faz isso pode se arriscar
Atropelar gente, provocar batida
E pagar o seu erro com a própria vida
Nos dez de galope da beira do mar.*

Valdenor: Então, tem essa coisa de galope...

Domingos: Daria pro senhor fazer cantado?

Valdenor: Essa estrofe? Dá.

[Toca na viola dinâmica e canta versos de sua autoria:]

*Você motorista tome mais cuidado
Pra não se tornar vítima de acidente
Mantenha distância do carro da frente
Não feche o colega que vai do seu lado
Não vá dirigir alcoolizado
Nem passar correndo onde é pra parar
Porque quem faz isso pode se arriscar
Atropelar gente, provocar batida
E pagar o seu erro com a própria vida
Nos dez de galope da beira do mar.*

Domingos: E aquela modalidade que às vezes vejo no encerramento, que é “Voa sabiá”?

Valdenor: É, o Voa sabiá... O encerramento se usa mais o “Coqueiro da Bahia”, que é um tipo de uma despedida, Coqueiro da Bahia.

[Toca viola dinâmica e canta:]

*Coqueiro da Bahia quero ver meu bem agora,
Coqueiro da Bahia quero ver meu bem agora.
Quer ir comigo vamos, quer ir vamos embora.
Quer ir comigo vamos, quer ir vamos embora.*

Valdenor: Esse é o refrão da coisa, aí se vai criar a estrofe, e todo final de estrofe, os dois cantadores repetem juntos esse refrão. Igual “Voa sabiá”: “Voa sabiá do galho da laranjeira / Que a pedra da baladeira vem zoando pelo ar.” Então são estilos que vão criando... Os cantadores vão recriando, a cada tempo vai surgindo novos estilos. E outros vão saindo, vão caindo em desuso. Antigamente tinha o mourão em cinco, hoje em dia ninguém canta mais. Alguns estilos já foram, caíram em desuso, e criaram novos.

Domingos: Tem o “quadrão perguntado”?

Valdenor: O quadrão perguntado é uma décima. Mesma coisa do mote. O quadrão perguntado é como se fosse o mote: “Isso é quadrão perguntado / Isso é responder quadrão.” Aí é intercalado, um faz a primeira linha. São dez linhas, ou são oito... Porque pra gente fazer mesmo são oito linhas, as duas finais são essas: “Isso é quadrão perguntado, isso é responder quadrão.” Aí vai intercalando, o cantador inicia, faz uma pergunta, o outro responde; o outro faz a pergunta, outro responde. Até a oitava linha, seriam quatro perguntas, quatro respostas. Tentar fazer uma junção do pensamento dos dois na mesma estrofe, como se fosse um fazendo sozinho e ter sentido, [pra] estrofe não perder o sentido.

Domingos: Tem cerca de quantos gêneros?

Valdenor: Olha, eles dizem que tem em torno de uns quarenta gêneros de Cantoria. Os mais usados: sextilhas, mote em sete sílabas, mote em dez, quadrão perguntado, dez a quadrão (que é quase a mesma coisa só que fica só a linha final), o martelo alagoano, o martelo agalopado, a sextilha em dez sílabas. Tem o “Voa sabiá”, o “Coqueiro da Bahia”. Hoje um cantador já criou um novo estilo, “matuto do pé rachado”...

[Toca viola dinâmica e canta versos de Jonas Bezerra:]

*Eu sou matuto do pé rachado,
não tive tempo de estudar pra ser doutor,
a minha escola foi o roçado
e o Brasil come do suor do agricultor.*

Valdenor: Aí é o refrão da coisa. Ele monta a estrofe pra terminar, toda vida, a rima final, essa do agricultor. Então tem muitos estilos. Tem em torno de trinta a quarenta estilos diferentes.

Domingos: E o senhor tem algum de sua preferência?

Valdenor: Não, não, a gente canta o que... A gente não faz o nosso gosto, a gente faz o gosto do povo. O gênero é só a estrutura da estrofe, você pede o mote em dez, todo ele é a mesma estrutura. A estrofe tem aquela mesma estrutura, agora o mote pode variar. Os assuntos são... Qualquer assunto do mundo você faz no mesmo mote.

Domingos: No mundo da Cantoria existem lendas e simpatias do cantador?

Valdenor: Não, não se usa muito isso não. Isso é coisa... É a criatividade mesmo. Não tem, não existe a coisa de simpatia pra cantar bem. Cantar bem, vai depender da hora e se o cara presta mesmo!

Domingos: Seu Valdenor, como é que foi a vinda do senhor pra Brasília?

Valdenor: Olha, eu vim a Brasília duas vezes. Em 1986 eu vim a primeira vez, fiquei só quatro meses e retornei, voltei pra minha cidade, foi quando eu fui fazer o ensino médio. E foi quando eu fiquei com programas de rádio, numa rádio que tinha lá. E quando eu terminei o ensino médio, fiz magistério lá. Quando terminei... O Nordeste toda vida foi bem mais difícil de trabalho, não é? E meus irmãos já moravam aqui - os meus tios e minha avó já moravam por aqui. Então eu vim novamente pra cá e dessa vez fiquei. E logo que cheguei aqui fiz concursos pra Secretaria de Educação. Entrei na Secretaria. Eu canto desde essa época, mas nunca fiquei exclusivamente só cantando, só com a viola. Eu sempre tive a viola mais como uma parte pra diversão e não pra sobrevivência. Eu praticamente não usei a viola só, como muitos cantadores profissionais. E aí é a coisa de eu não ser um dos principais cantadores, porque pra se desenvolver bastante você precisa se dedicar sempre. E eu passo seis meses sem fazer uma Cantoria. Canto numa apresentação... Então eu nunca fiquei profissionalmente mesmo só da viola, sempre usei ela como um *hobby*, uma segunda opção.

Domingos: E foi difícil a adaptação em Brasília?

Valdenor: Não, não. Não tive muita dificuldade de me adaptar. Primeiro que eu já vim morar praticamente em casa, vim morar com um irmão meu. Passei quatro anos, depois casei aqui mesmo, construí família. Então eu me adaptei fácil aqui, não teve muita dificuldade não.

Daniel: Como era Brasília?

Valdenor: Eu já vim pra Brasília quase como é hoje, porque eu vim pra Brasília em 1990. Então não tinha muita diferença do que é hoje. Pequenas mudanças que houve daí pra cá, mas não muita coisa.

Daniel: E você se sente brasileiro?

Valdenor: Não. Eu não me sinto brasiliense, gosto de Brasília, mas eu... O coração é nordestino. Eu sou nordestino de coração, sou matuto do pé rachado, como dizem! Mas Brasília é uma terra em que eu já tenho... Já tenho mais tempo em Brasília do que na minha própria terra. Então já me acostumei, pelo menos. Eu não tenho muito o que reclamar dela não, tudo que eu fiz foi praticamente aqui.

Domingos: O senhor sente saudades da sua terra?

Valdenor: É. Saudade eu acho que todo mundo que tem apego à terra, a gente sente. Agora, aquela saudade: “ai eu tenho que voltar pra minha terra...” Não. Eu gosto da minha terra pra ir passear, passar um mês, passar um tempo. Se eu pudesse iria duas, três vezes por ano, mas pra morar mesmo... Eu nem vontade de morar lá eu tenho mais. E nem condições de morar, porque já construí família aqui. Se eu resolvesse por um acaso voltar a morar lá desestruturaria quem já nasceu e criou-se aqui. Então eu já me adaptei aqui, já me acostumei, não tenho mais pretensão de voltar. Pra morar não, só pra passeio mesmo.

Domingos: O senhor mora onde aqui?

Valdenor: Eu moro no Gama. Desde que cheguei eu moro lá, nunca saí.

Domingos: E a Cantoria é forte em Brasília?

Valdenor: Ela não é tão forte. A Cantoria hoje, em Brasília... A Cantoria é mais eventos, como os que têm na Casa do Cantador. O público de Brasília acostumou muito com a Cantoria promocional, feita pela Secretaria de Cultura, patrocinada por órgãos do governo e outras entidades. Então não é uma terra... A Cantoria não é forte como, por exemplo, em São Paulo. Os cantadores fazem muitas Cantorias de pé de parede, como a gente chama. Aqui as Cantorias de pé de parede são poucas. Os eventos de Cantoria, a maior parte são esses que a Secretaria de Cultura faz, ou outras entidades que entram com projeto e realiza esses eventos. É alguma [Cantoria] aqui, ali, se a gente procurar ainda acha, mas não tem muito. Não é uma coisa muito forte.

Domingos: E quando fala em Cantoria de pé de parede?

Valdenor: A Cantoria de pé de parede é aquela Cantoria que a gente faz... Um amigo, por exemplo, tem um restaurante ali. O amigo chama uma dupla de cantadores pra cantar lá e o público é que paga aquela Cantoria. É aquela Cantoria que dura três, quatro horas. É a tal Cantoria de pé de parede. Não tem uma apresentação. A que a gente vai fazer hoje aqui: dentro de um evento a gente faz uma participação de meia hora, uma hora e acabou. Já a Cantoria de pé de parede, o público senta na frente e vai pedir temas e interagir com os cantadores. As Cantorias a gente deixa mais por conta do público. A gente inicia com o que a gente quer, escolhe um tema e começa a Cantoria. E daí pra frente o público é que comanda. A gente não tem mais, vamos dizer, “vou cantar isso e isso...” Deixa que o público mesmo determina o que você vai cantar.

Domingos: Tem algum verso seu, que você já tenha feito, sobre Brasília?

Valdenor: Não, não lembro. Já devo ter feito muitos, mas nunca decorei nenhum. A gente decora mais as coisas que foram gravadas. Como a Cantoria é feita de improviso, se a gente não gravar a gente não lembra mais nenhuma estrofe. Às vezes os cantadores que estão numa Cantoria, quando sai uma estrofe que se sobressai às outras, uma estrofe bem melhor, algum cantor decora aquela estrofe. Às vezes passa pra outro e aí ela fica. Mas não sendo dessa forma e não sendo gravada, a gente canta desde o início da coisa e tudo o que disse está perdido por aí...

Domingos: E o senhor acha que a sua Cantoria, por estar em Brasília, é de um jeito específico? Por exemplo, se você estivesse na sua terra natal, seria diferente?

Valdenor: É. A Cantoria, como a gente faz improviso, a gente tem que cantar de acordo com o local que você está, não é? [De acordo] com o local, com o público. Se vou cantar num evento pedagógico homenageando Paulo Freire, por exemplo, vou tentar procurar algo da vida dele, procurar a parte pedagógica, falar disso. Se eu vou cantar num barzinho, numa feira, eu vou cantar o quê? Vou puxar assunto de medicina pra se cantar? Não tem sentido. Então a Cantoria, se você vai cantar no Nordeste, se for lá na roça mesmo, você vai cantar uma coisa. Se você vai cantar num shopping, você vai buscar cantar outra. A não ser que o povo solicite que você fale do sertão, aí você canta. Mas é de acordo com o local que você está e o público. A gente tende a colocar algo que é relativo ao ambiente que está.

Domingos: E como o senhor se relaciona com essa vegetação daqui do cerrado, do planalto central? É diferente do seu lugar de origem?

Valdenor: Em termos de?

Domingos: Por exemplo, nós estamos aqui dentro de um cerrado. A vegetação de Brasília, a fauna, a flora, os pássaros, tem alguma relação com isso?

Valdenor: Não. Aqui a gente vive dentro de um monte de concreto. *[Risos.]* Um monte de concreto que até a fauna, hoje, aqui a gente vê pouco. Não tem. Não tem animais, você praticamente não vê. A não ser um pássaro, um pardal que pousa próximo, você não tem contato quase com essa natureza, com essa coisa... A gente tem mais contato quando vai pra onde... Ou no Nordeste, ou em outra região que a gente vai mais pra zona rural, aí a gente tem mais contato com essa coisa. Aqui a gente não tem muita relação...

Domingos: Existe uma relação entre o Cordel e a Cantoria?

Valdenor: Existe, até se confundem. Não tem como separar uma da outra. Apesar de ser duas linhas diferentes, mas elas têm correlação. Por exemplo, as regras são as mesmas. O Cordel é o livreto em si. A gente trabalha mais com Literatura de Cordel. A Literatura de Cordel é a arte de fazer o folheto de Cordel. Então a Literatura de Cordel, ela é escrita. Você para, escreve, olha se está boa. Se não estiver você muda essa linha que não está boa, essa

estrofe corrige... Você faz para depois imprimir. E a Cantoria, ela é feita na hora, é totalmente de improviso. Essa é a diferença da Cantoria. Agora, o Cordel é escrito a maior parte em sextilha. É a mesma sextilha que a gente canta quando vai no improviso. A regra é a mesma: você tem que pegar a estrofe, tem que ter a mesma composição, a mesma rima, a mesma métrica. O tema, de acordo com o tema que você escolher, escreve naquele tema. Se você escreveu Cordel numa décima, vai ser a mesma décima que você escreve cantando. A diferença é que o Cordel você corrige pra poder mandar na impressão e a Cantoria é feita toda de improviso.

Domingos: O senhor tem uma produção de Cordel também?

Valdenor: Não. Eu nunca me dediquei muito. Eu já fiz alguma participação em Cordel, mas eu nunca escrevi um Cordel inteiro não. Nunca me dediquei a fazer não. Não que a gente não faça, porque a gente costuma dizer: todo repentista é Cordelista, nem todo Cordelista é repentista. Porque o Cordelista, ele tem tempo pra pensar. E se ele for fazer Repente, se ele demorar, ele não tem como fazer. O repentista, como já faz na hora, se ele for escrever fica bem mais fácil. Então, se a gente se dedicar mesmo... Qualquer repentista é um Cordelista.

Domingos: E o senhor acha que o Repente em Brasília é bem aceito?

Valdenor: É, nós já tivemos mais [público]. Não só em Brasília, hoje a plateia de Cantoria está bem mais reduzida. É aceito por uma grande parte da população, mudou bastante de um tempo [pra cá]. Antes tinha uma plateia exclusiva de Cantoria. Hoje a Cantoria, em termos de aceitação é bem maior em todos os ambientes. Antigamente, há trinta, quarenta anos, a Cantoria tinha seus locais de Cantoria. Hoje, a Cantoria entrou na universidade, pra pesquisa... [Para o interesse] de vocês. E antes, não, era só aquele povo apaixonado por Cantoria que onde tinha um encontro de cantadores estava presente lá. Hoje ela perdeu plateia em número, mas ganhou em diversidade de plateia. Hoje a plateia está mais ampla, em termo das faixas sociais. Hoje, a Cantoria em si hoje entrou para as universidades, para as grandes cidades, pros shoppings. Em Campina Grande mesmo, um colega da gente faz eventos, organiza com os donos de shoppings, levando a Cantoria e ampliando o ambiente da Cantoria. Agora a plateia está um pouco mais reduzida do que há vinte, trinta anos.

Daniel: Sem viola, tem Cantoria?

Valdenor: Não. Não dá pra cantar sem viola. Fica uma coisa... A Cantoria em si, pra muita gente já é um pouco monótona, e se tirar a viola acho que fica mais ainda! Até o ritmo, pra ajudar a gente a produzir... A gente já acostumou a cantar com viola.

Daniel: E tem diferentes toques da viola?

Valdenor: Tem. O baião pra tocar a sextilha, o galope, o martelo, é praticamente o mesmo. Cada cantador tem uma forma dentro daquele baião de viola, tem um solo. Ele pode fazer um solo qualquer mas, digamos, a estrutura principal é o mesmo baião. É a mesma nota que ele pode fazer. É mais um enfeite a mais ou a menos... Igual uma música que pode você

acompanhar, ela exige três notas. Um cara muito tocador pode criar mais alguma coisa dentro dela, mas o básico é um só. Aí tem o baião de viola e tem os estilos balançados [Demonstra tocando a viola.] Pra Cantoria, é basicamente isso aqui. Aí vem as canções. Cada uma delas é igual a uma música, que vocês conhecem bem... [Demonstra tocando a viola.] Então cada uma vai ter sua nota. Uma pega três notas, outra pega cinco... Cada canção tem uma nota diferente. Agora, pra cantar Repente, é basicamente o “baião de viola” e o que a gente chama e “o balançado”. Os estilos balançados são aqueles [que mostrei].

Domingos: O senhor tem canções também?

Valdenor: Não. Eu só tenho uma canção de minha autoria e nem gosto! [Risos.] Porque o difícil de escrever canção, não é fazer a letra, é fazer a música. Eu tenho dificuldade em fazer a música. Tem gente que tem muita facilidade, cria um monte de música. Eu sou meio devagar pra criação da música. A letra, se me der a música eu faço cinco num dia. A letra fica fácil de fazer. Eu gosto de cantar muitas canções, mas canções de outros cantadores. Minha só tem uma, e praticamente nunca canto, só quando pedem.

Domingos: O senhor gostaria de cantar uma canção pra gente?

Valdenor: Você que sabe...

Domingos: Se quiser cantar a sua pra gente...

Valdenor: Não vou cantar a minha não, vou cantar outra. Cantar “Canção da madrugada”, de Benoni Conrado.

[Toca viola dinâmica e canta “Canção da madrugada”, composição de Benoni Conrado:]

*A luz do sol alvorece a madrugada
A passarada louva a Deus numa canção
A cachoeira vem cantando um novo dia
A sinfonia do caboclo do sertão
O nevoeiro se desmancha no espaço
Mais um pedaço de Brasil fica enfeitado
O camponês de mão grossa se levanta
E alegre canta no caminho do roçado.*

*O vento assanha pequeninas violetas
As borboletas esvoaçam pelo ar
A lua foge do perfil da minha aldeia
O sol clareia, faz a noite retirar
O sabiá canta a voz da natureza
E a redondeza se completa de esplendor
A folha treme e o orvalho se derrama*

Molhando a grama perfumada pela flor.

*Na casa grande de oitão avarandado
À noite o gado vai pro pátio descansar
De manhã cedo se levanta e vai embora
Porque é hora de beber e de pastar
Range a cancela magoando o tabuleiro
Quando o vaqueiro inicia o seu labor
O seu aboio deixa um eco no espaço
Feito o compasso do chocalho tocador.*

*Canta a cigarra nos garranchos da ramada
Sua toada dói na alma do sertão
O beija-flor com as flores se mistura
E a tanajura quando voa faz verão
O quanto é belo se ouvir de manhã cedo
O passaredo num coreto angelical
Compondo notas da canção da madrugada
Terra adorada meu sertão não tem igual
Compondo notas da canção da madrugada
Terra adorada meu sertão não tem igual*

Domingos: Linda! Eu vejo recorrente certas palavras, como o sertão. Falam bastante em vaqueiro...

Valdenor: É. Têm cantadores que se especializam mais em falar sobre isso. Nessa canção, por exemplo. Agora, tem outras que são canções mais românticas, que falam totalmente de amor, de paixão, daquela coisa bem... Tem algumas canções, como essa “Canção da madrugada”, “Rancho sem porta”, “Casa de campo”, que é mais voltada pra esse mundo. O cantador é muito eclético nessa coisa dos temas. Porque cantor geralmente se especializa: cantor romântico canta só romântico. Os cantadores não, eles se especializam. Uma dupla que fez “Casa de campo”, ele fala de casa de campo... Tem uma canção que chama “Coração online” que aí mistura a internet com a coisa. Então, uma infinidade de temas eles colocam nas canções que escrevem.

Domingos: Quando o senhor está tocando, o que o senhor sente?

Valdenor: A gente toca e só tenta se concentrar pra não perder a sequência, o ritmo. Sente naturalmente.

Domingos: E quando está cantando ao vivo o Repente?

Valdenor: Quando está cantando Repente, aí sim a gente tenta se concentrar ao máximo. Porque a gente tem muito pouco tempo. Apesar de cantar de improviso, a gente tenta, quando for começar, pelo menos ter a sequência pra onde vai. Quando a gente está num momento de uma inspiração fluente mesmo, às vezes quando o outro termina a gente tem montado a nossa estrofe todinha. Não é muito comum, mas muitas vezes... Então a gente vai cantando as sextilhas: quando o colega termina, o normal é que você tenha pelo menos as duas linhas finais prontas. E aí uma coisa interessante... Quando a gente compõe, a gente não faz começando daqui pra lá... A gente canta indo, mas a gente faz ela voltando. Porque tudo que vai se fazer, o que dá brilho na coisa... Quando você vai construir uma casa, o que dá a beleza da obra? O acabamento. Então, pra gente, o mais importante é o final da estrofe. Por isso que quando a gente faz uma sextilha... Quando o colega está fazendo ali, os versos dele, você mentaliza o que vai dizer no final. Você faz as duas linhas. Se sobrar tempo você vem pras outras duas. E quando ele terminar você pega as duas primeiras, você pega de qualquer forma. E aí acontece de quando ele terminar você já está com a sua pronta pra seguir. Isso em vinte segundos, que é o tempo que dura a dele. Então a gente tem muito pouco tempo. Se a gente não estiver bastante concentrado... Se você perder cinco segundos... Por isso que, às vezes, quando a gente está desconcentrado a gente não faz uma boa apresentação. Porque o colega terminou a estrofe e você não sabe pra onde vai ainda... Aí você tem que montar, soltar tudo, saindo boa ou ruim ela tem que sair nos mesmos vinte segundos. Então a concentração é muito importante para ter uma produção de qualidade.

Domingos: Qualquer pessoa pode cantar na Cantoria de Repente?

Valdenor: Existe uma coisa que a gente acredita, e depois vai analisar que talvez não seja bem isso. A gente acredita num dom, que a gente já nasce com aquele dom. Mas pra ser um grande cantador é preciso que ele tenha uma certa... Não sei de onde vem... Mas acreditamos que ele tenha um certo dom pra isso. Qualquer profissional, em qualquer área: existe o bom profissional e o médio, existe o fraco, o muito ruim. E isso, dentro da Cantoria, existe mais ainda do que em outras profissões. Aprender a fazer uma estrofe, eu acho que qualquer pessoa tem condição. Agora, aprender a cantar bem... Aí eu já tenho dúvida se vai aprender, porque vai exigir ter talento praquilo. Uma pessoa que se interessar e diga “eu vou fazer, cantar uma estrofe, um baião de viola”, eu acredito sim. Nós temos exemplo de um rapaz que pesquisa, não sei se vocês conhecem o João Miguel [Sautchuk]? Acho que é professor da UnB. Ele fez uma pesquisa, a tese de doutorado dele foi sobre a Cantoria. Então ele se entregou mesmo à pesquisa. Tanto que ele morou três meses em Fortaleza, outro tempo em Caruaru, acompanhando os cantadores no dia-a-dia pras Cantorias. Até ir ele próprio: pegou e conseguiu fazer. Não é um cantador... Mas consegue fazer. Então eu acho que qualquer um que se dedicar, que se interessar em fazer um baião de viola, uma estrofe, ele faz. Agora pra cantar eu já não sei se consegue.

Domingos: É importante estar junto com os cantadores?

Valdenor: Muito. É muito interessante a convivência com os outros cantadores. Eu tive essa experiência. Eu comecei a cantar em oitenta e quatro, oitenta e cinco. E vim pra Brasília. E em noventa e cinco eu vim trabalhar aqui na Casa do Cantador. Fui requisitado da Fundação, da Secretaria de Educação pra Cultura e trabalhei quatro anos aqui. Nesse período que eu tive aqui, tive muito contato com cantadores. Este foi o período em que eu mais desenvolvi dentro da Cantoria. Justamente por essa convivência com a Cantoria, com os outros cantadores, você pega experiência, escuta tanto... Se você ouvir uma Cantoria uma noite todinha, na outra noite você se sente muito mais leve pra cantar. Ou a gente mesmo, quando pega três Cantorias seguidas, uma hoje, amanhã e depois, na segunda noite pra frente você já está achando mais facilidade pra dizer.

Domingos: Fazer Repente, pensar rápido, ajuda na saúde mental?

Valdenor: Eu acredito que sim. Já que dizem que a mente da gente precisa trabalhar muito... Então eu acho que a saúde mental passa por aí. Isso ajuda na memorização, pensamento rápido.

Domingos: Aqui em Brasília a Casa do Cantador tem um papel importante?

Valdenor: Tem. É um papel fundamental. É praticamente o ponto da Cantoria. A gente faz apresentações em outros locais, mas a Cantoria parte daqui. A Casa do Cantador... Ela é praticamente a referência da Cantoria em Brasília. É a Casa do Cantador. Pode acontecer eventos em outros locais, mas todos passam justamente por aqui. Uma universidade ou uma entidade qualquer quer uma dupla de cantadores, o primeiro local que eles ligam é pra cá pra procurar.

Domingos: E aqui também vêm cantadores do Nordeste?

Valdenor: Vem. Hoje vem muitos, quando tem evento. Aqui já teve tempo em que passavam muitos cantadores. Vinha de São Paulo, passava por aqui, arrumavam uma Cantoria, ficavam por aqui uns dias. Mas hoje, os do Nordeste, eles vêm quando tem um evento. Vai ter uma sexta do Repente aqui à noite, eles chegam aqui sete horas da noite. No outro dia, oito horas eles já têm uma Cantoria em Caruaru, em Recife, já pegam o avião, já estão de volta. Hoje praticamente não permanecem mais, os cantadores que vêm de fora não permanecem mais muito tempo por aqui.

Domingos: O senhor, às vezes, vai cantar fora também?

Valdenor: Não muito. Mas às vezes eu vou. Já fui a São Paulo, fui a Belo Horizonte, fui a Curitiba. Assim, só pra fazer Cantoria eu fui uma vez, duas vezes em São Paulo, fui uma no Mato Grosso... E eventos. Quando nós fomos em Belo Horizonte e fomos em Curitiba, eram dois eventos já programados. O pessoal da Fiat que contratou a gente pra fazer uns eventos deles lá e a gente foi. Vai e volta no outro dia. Então eu nunca viajei muito pelo fato de não ter a Cantoria como principal atividade. Os que vivem exclusivamente da Cantoria, aí sim, eles precisam estar viajando toda semana porque se ficarem num canto só não tem evento

pra se fazer toda semana. Então eles viajam muito, mas eu, como tenho uma outra ocupação, só viajo numa vez ou outra quando aparece um evento. Ou quando tiro umas férias, aí eu vou fazer uma Cantoria em São Paulo, a gente já sai programado duas ou três [apresentações], vai lá e volta.

Domingos: O forró do Nordeste, o samba do Rio de Janeiro... Algum ou outro gênero as pessoas de outros estados acabam tocando também. O senhor acha que pode acontecer isso com a Cantoria? Se não acontece, por quê?

Valdenor: É. A Cantoria, o Repente... Primeiro precisa se interessar para ser cantador. A Cantoria não é só o Repente. As canções, por exemplo, fazem parte da Cantoria. E aí se a gente pegar parte das canções - o Zezé di Camargo e Luciano gravaram a canção dos Nonatos, "Eu e você". Eles gravaram uma música deles. As bandas de forró gravam as músicas dos Nonatos, mais de duzentas músicas, mais de cinquenta bandas já gravaram canções deles. Agora, a parte do Repente eles não cantam, porque aí pra cantar a parte do Repente, precisava ser repentista. Não dá pra você pegar a letra de outro e cantar. No Repente tem que ser feita a letra sua, que é feita na hora. Então não tem como pegar dos outros e fazer. Fora do Nordeste, eu conheço nascido e criado um cantador, justamente nascido aqui: João Santana. Ele nunca viveu no Nordeste, nasceu e criou-se em Brasília e tornou-se um cantador. E um cantador muito bom. Então, em outras regiões... O Rio Grande do Sul tem repentistas também, só que em outro estilo, não é? Naqueles "carreirão", "vanerão", acho que é uma coisa assim... Então eles têm os repentistas deles, não é como os repentistas do Nordeste. São repentistas também, mas não são como no Nordeste. Uns daqueles se tivessem contato e quisessem fazer igual os cantadores, fariam normalmente, porque eles criam de improviso, não é? Então, quando a gente fala em repentista, tem a viola e tem os emboladores de Coco, que muita gente confunde com a Cantoria. É outro estilo, o embolador de Coco canta com pandeiro, os gêneros que eles usam são diferentes, a linguagem é outra. Não que se impeça de uma dupla de embolador de Coco cantar usando as mesmas regras, as mesmas coisas do cantador de viola. Mas na maioria das vezes eles usam uma linguagem bem menos sofisticada, menos refinada do que a Cantoria, porque o gênero próprio não exige isso. E a Cantoria exige. Quando a pessoa sugere o tema a gente faz geralmente em dupla... Quando você sugere um tema, tem um tempinho pra gente começar, depois eu tenho mais o tempo que ele está cantando. E quando se canta sozinho, fica mais difícil ainda porque você termina e não dá tempo de você pensar no próximo [verso]. Aí vai só uma coisa... Tanto que tem cantadores que fazem apresentação sozinho. Eu sempre me recuso a fazer. Quando a pessoa diz: "mas é só uma meia horinha..." *[Risos.]* Não. Eu prefiro que seja dois, um faz um, outro faz outro. Porque primeiro que descaracteriza a Cantoria. Quando uma escola está fazendo um evento e aí quer uma participação de apenas um cantador, pra cantar não. Agora, se quiser eu vou lá declamar, que aí declamar você declama, conta causos, não é? Então dá pra fazer sozinho, mas a Cantoria mesmo em si eu não gosto de fazer sozinho não. Primeiro que descaracteriza e segundo fica muito difícil.

Tati: E como é, tem uma dupla fixa?

Valdenor: Não. As duplas fixas, dentro da Cantoria, são poucas. Tem algumas que já têm a dupla mais antiga... Que a gente tem duas duplas que têm muito tempo. São “Os Nonatos”, que hoje praticamente nem vivem mais cantando Repente, montaram uma banda pra cantar as canções - que eles têm mais de quinhentas canções, composições. Aí eles fazem shows de música, tem uma banda e acompanha. Dentro do Repente mesmo a dupla mais antiga é Edmilson Ferreira e Antônio Lisboa, que moram em Recife. Já têm mais de vinte anos de dupla. E isso não impede também que eles cantem... Em alguns festivais eles cantam “desduplados”. Um canta com um, outro canta com outro. Mas eles sim, são uma dupla fixa. Nós não. Eu nunca tive dupla fixa aqui. Aqui só tem uma dupla fixa: João Santana e Chico de Assis. E a gente costuma brincar, às vezes, que nós somos uma dupla de três. Porque sempre eu estou com um ou com outro, nos festivais eu sempre duplei com João. Nos eventos Chico dupla com João, quando João não está eu duplo com Chico. Então a gente tem três cantadores... Nesses projetos da Secretaria de Cultura, esse “Sexta do Repente” e outros, aí eu duplo com Donzílio Luiz. Já tem uns três anos que a gente faz esses eventos, até porque a gente cadastra no Siscult, cadastra uma dupla. E como a gente se cadastrou, então todos os eventos a gente participa com a mesma dupla. Mas a questão de dupla é só pra esses eventos assim. O restante, quando aparece um vai com um, vai com outro... É o único gênero musical que acontece isso, não é? Uma dupla sertaneja ou uma banda, se você tirar um componente e colocar outro, aí você precisa fazer ensaio de várias semanas pra poder fazer um evento. O nosso não. Eu saí daqui pra ir pra Mato Grosso do Sul [cantar com um], nunca vi o cantador de lá. A gente chega lá meio-dia e vamos cantar de noite. Só afina a viola na hora de cantar e sai do mesmo jeito, porque são o mesmo padrão.

Domingos: E o seu Donzílio é uma pessoa importante na Cantoria?

Valdenor: Donzílio é o marco da Cantoria aqui em Brasília. Primeiro que é um cara que já está aqui há mais de quarenta anos, tem quase cinquenta anos que Donzílio mora aqui. É um cantador de uma bagagem muito grande... Donzílio tem mais de dez livros escritos e muito bons. Eu li os trabalhos dele. Donzílio é a referência da Cantoria em Brasília. Hoje, como cantador pra eventos já não está mais [cantando tanto], porque está com 84 anos. Raramente se encontra um cantador dessa idade ainda cantando, não é? Donzílio é uma exceção no meio da Cantoria. Chegar a essa idade cantando e ainda com uma voz até razoavelmente boa, e ainda conseguindo criar...

Domingos: E desses cantadores famosos, ou mestres cantadores, o senhor tem alguma preferência?

Valdenor: Não. Tem alguns que a gente não deixa de ter uma certa preferência, mas a gente gosta de todo mundo que cante bem, não é? Uns a gente gosta mais, outros menos. Tem as afinidades pessoais, mas em termos de Cantoria mesmo tem vários que a gente gosta muito,

se identifica com eles e gosta do estilo dele, da forma como ele canta. E uma infinidade de cantadores que a gente vira fã deles.

Daniel: E tem mulheres que cantam?

Valdenor: Tem. Tem algumas, bem em número muito menor do que... É uma profissão, ainda, não sei... Parece um pouco machista, a profissão de cantador. Mas talvez até pelo fato de ser uma profissão que anda muito, e aí a mulher pra sair sozinha... Nós vivemos num mundo ainda meio machista e muitas mulheres não têm interesse. Acredito que tem um número muito maior que teria capacidade de cantar, mas são poucas as que se dedicam à Cantoria. Tem algumas, moram em São Paulo. A principal poetisa é Mocinha da Passira, que essa viajou muito por São Paulo, passou por aqui. E até nova. Hoje a gente tem duas meninas que estão surgindo, uma no Piauí, outra no Maranhão, que a gente de vez em quando escuta apresentações delas. Mas ainda são novas, ainda não saíram ainda dos locais delas.

Domingos: A sua família gosta de te ouvir cantar?

Valdenor: Gosta. Graças a Deus sempre tive apoio. Tanto em casa, como depois de casado, a família. Minha esposa é filha de um cearense que gostava muito de Cantoria, era louco por Cantoria, inclusive a conheci na casa dela, fazendo uma Cantoria [Risos.] Eu quando a conheci, a gente ia pra uma Cantoria, desistiu de ir. Depois o pai dela passou lá na casa do meu colega, onde eu estava, chamando pra cantar. Ia ter um aniversário dele, e ele foi lá chamar os cantadores pra fazer uma Cantoria na casa dele. Como eu estava lá, fui junto. Daí deu em casamento!

Domingos: Bastante simbólico isso...

Valdenor: É, bem!

Domingos: Qual é a origem da Cantoria?

Valdenor: Rapaz, origem ela tem muitas. A Cantoria, raízes... Ela vem da península ibérica, mas não com o formato que ela tem hoje. A Cantoria teve lá suas raízes como o Cordel, essa coisa do canto amebou... Mas a origem, como ela é hoje, ela nasceu na Paraíba, na Serra do Teixeira. Primeiro cantador que se tem registro mesmo de Cantoria chamava-se Ugolino do Sabugi. Nascido e criado na Serra do Teixeira, na Paraíba. É ali o ponto que se têm como ponto de partida da Cantoria nos moldes que ela é atualmente. Com mudanças de tempo, que tudo no mundo vai evoluindo... Mas que a sua essência não se perdeu, é desde essa época até hoje.

Domingos: Existe Cantoria também em São José do Egito-PE?

Valdenor: É. São José é um berço. Porque é um local que não é só São José. É uma região todinha que é chamada região do Pajeú, que envolve São José, envolve Tabira, envolve

Afogados da Ingazeira e aquelas cidades vizinhas ali. Porque ali foi um setor em que o povo é todo apaixonado por Cantoria. Você vê hoje nas redes sociais, meninos, mulheres, fazendo poesia, escrevendo maravilhosamente bem. Então o povo... Que nos outros locais o povo gosta, mas ali existe uma paixão pela Cantoria, pelo Repente, pela poesia escrita. Então por isso que é tido como um berço de Cantoria ali.

Domingos: Pra se cantar na Cantoria, usa-se bastante força para que a voz saia com potência?

Valdenor: Eu não sei de onde... Mas as toadas que se escolhem... A própria viola é muito alta. Tanto que essa a viola, por exemplo essa corda aqui, olha a altura que ela é *[Demonstra na viola.]* Pouca corda aguenta isso aqui, só corda de guitarra que aguenta, essa corda aqui. Aí é uma coisa que canta muito... O diafragma todo força muito. Chamam meio gasguito a Cantoria.

Domingos: O senhor pode tocar uma corda de cada vez?

Valdenor: *[Toca as cordas exemplificando.]* Essas três são como se fosse uma corda só, tanto quando a gente toca olha, você prende as três. A gente nunca toca assim: *[Toca uma corda uma de cada vez.]* A gente toca assim: *[Toca as três cordas juntas.]* Você nunca toca: *[Toca uma corda.]* Só toca: *[Toca todas as cordas juntas.]* E aí a outra: *[Toca uma corda de cada vez.]* Isso solta, já mais no ponto de cantar o baião, por exemplo: *[Toca exemplificando.]*

Domingos: Ouvi um cantador dizer que ele era vaidoso com a viola. O senhor é vaidoso com a viola?

Valdenor: Vaidoso não, mas cuidadoso a gente tem que ser. Porque principalmente esse tipo de viola aqui, que é a dinâmica que a gente chama. A viola, qualquer instrumento, você precisa ter cuidado com ele. Não é só instrumento, qualquer ferramenta de trabalho. E esse tipo de viola aqui, se você der qualquer pancadinha aqui, acabou com ela. Porque o disco, se empenar, se amassar o disco dentro, aí tem que ser outro. Ela fica sem som, o som fica chocalhando. Então é ele quem dá esse som... *[Toca a viola.]* Aí a gente tem que ser um pouco cuidadoso, pelo menos com viola.

Domingos: O senhor tem algum poema que possa declamar pra gente?

Valdenor: Tem duas formas de poema. Existe o poema cantado que é no lugar das canções, como tem a canção que acompanha com a nota. E tinha os poemas cantados, como se fosse um Repente só que escrito, contando uma história. Aí é cantado. E tem os poemas que são escritos só pra declamação. Chamamos de poemas caboclos, mais conhecido no Nordeste como poema matuto. E tem um até que eu gosto, sempre nas apresentações eu declamo esse poema. Os poemas são um pouco extensos, porque é uma história contando. O poeta é muito criativo, eles inventam uma história... Eu só escrevi um poema, não sei nem se eu lembro ele todo. Mas em todas as apresentações eu gosto de falar dele. É um poema de um rapaz, que também é de São José do Egito, Vinícius Gregório. Advogado, bem novinho. E ele

pegou essa questão da crítica que o pessoal tem, a implicância com a sogra. E aí ele pegou essa deixa e fez o poema “Pontos de vista”. Ele pegou um caso que aí a mesma pessoa vê o mesmo problema por dois ângulos. Aí ele bota a mesma pessoa sendo mãe e sendo sogra, como é que ela vê, como é que ela trata as coisas... É bem interessante esse. Quer que declame?

Domingos: Sim!

Valdenor: Ele diz o seguinte:

*Duas distintas senhoras
Conversavam certo dia
E como sempre essas horas
São de bastante alegria
Lembraram tempos vividos
Falaram de conhecidos
E o fuxico sempre junto
Foi mais de hora falando
Porque mulher conversando
Ô bichinho pra ter assunto.*

*Papo ia, papo vinha
Uma delas se lembrou
Dos filhos que a outra tinha
E foi então que perguntou:
Comadre, eu lembrei agora
Dos dois filhos da senhora
Os passarim do seu ninho
Cheios de beleza e brilho
Como é que estão seus dois filhos
A Ana e o Fernandinho?*

*E a resposta assim foi dada
A Ana, minha filhinha
Casou e está bem casada
Leva vida de rainha
O marido acorda cedo
E sai da cama em segredo
Pisando em passos mansinhos
E enquanto ela está deitada
Vai trocar a fralda cagada
Dos meus três lindos netinhos.*

*Depois disso vai correndo
Fazer um café bonito
Só mesmo a senhora vendo
Que genrinho tão bendito
Lava a louça da cozinha
Arruma a casa todinha
E leva o lixo pra fora
Pense num homem prendado
Já tá tão acostumado
Que faz isso em uma hora.*

*Depois é que ele se arruma
Pra poder ir trabalhar
Sem fazer zoada alguma
Pra Ana não acordar
Vai, mas volta pro almoço
Faz tudo sem alvoroço
Faz tudo e de nada esquece
A Aninha é muito amada
Nem precisa de empregada
Minha filhinha merece.*

*A outra comadre então
Ficou toda abestalhada
Pensou: que homem tão são,
Que mulher tão bem casada
Mas voltou a perguntar:
E o menino, vai casar?
Ou também já tá casado?
A pergunta assim se fez
E a comadre dessa vez
Respondeu num tom pesado:*

*O menino se casou
Casou mas foi mal casado
A mulher que ele arrumou
Não faz nada pro coitado
Ele tem que acordar cedo
Se levantar em segredo
Pisando em passos mansinhos
E enquanto ela está deitada*

*vai trocar a fralda cagada
dos meus outros três netinhos.*

*Depois disso vai correndo
Fazer café pra bonita
Só mesmo a senhora vendo
Que coisa mais esquisita
Lava a louça da cozinha
Arruma a casa todinha
E leva o lixo pra fora
O bichinho está tão cansado
Ele é feito de empregado
E a mulher ainda lhe explora.*

*Depois é que ele se arruma
Pra poder ir trabalhar
Sem fazer zoada alguma
Pra quenga não acordar
Vai mas volta pro almoço
Sua vida é um alvoroço
E a mulher mal agradece
Ô que homem mal amado
Ele é feito de empregado
Meu filhinho não merece.*

*É tudo muito engraçado
Mas é mesmo desse jeito
Que sogra é bicho danado
E mãe é bicho perfeito
Cada um defende o seu
E nessa história que se deu
Uma conclusão se logra
Dessa história realista
Que tudo é ponto de vista
Mãe é mãe e sogra é sogra!*

Valdenor: Então são esses poemas que a gente declama no meio das apresentações, pra não ficar uma coisa só todo o tempo.

Domingos: Esse é autor é lá de São José do Egito?

Valdenor: É. Chamado Vinicius Gregório, um poeta muito bom. Inclusive eu estou lendo um livro dele agora, “Alma impressa”. Muito bom.

Domingos: A viola do senhor tem nome?

Valdenor: Não... Viola é viola. Ela tem nome, mas é viola.

Domingos: Seu Valdenor, o que é essa força do nordestino, que onde ele chega procura manter a tradição, os costumes?

Valdenor: Olha, eu nem digo que tem tanto essa força, se a gente comparar com o pessoal do sul, por exemplo. Uma grande parte nordestina é dessa forma, procura manter. E eu acho que isso deve não só da região nordestina, mas de qualquer região, qualquer pessoa... A nossa cultura é a nossa identidade. É a nossa raiz. Se você perder sua identidade, você não é ninguém. A planta, se perder a raiz, ela morre o resto, não é? Então a gente ainda tem muita, muita gente do Nordeste que veio pra Brasília, foi pra São Paulo, mudou de região e lá ele mudou de cultura, ele esqueceu sua cultura. Então ele não é nordestino e nem é paulista. Se ele está em São Paulo, nem é mais nordestino, nem é paulista, porque ele não tem a cultura de lá. Então se a gente for comparar, por exemplo, com a região do [Rio Grande do] Sul. Você vê um gaúcho aqui em Brasília ou no Nordeste, aonde ele for ele está lá com a cultura dele firme e forte. Então uma grande parte do Nordeste ainda procura manter. E eu acho que é essencial, não só do Nordeste, mas de qualquer região que você seja. De qualquer país onde você for você tem que levar sua cultura, que aquilo é sua identidade. Se você perder aquilo, você deixa de ser gente.

Domingos: O que é memória?

Valdenor: Memória em que sentido? Porque a gente pode ver memória em termos de manter uma tradição, que a gente chama manter a memória. É como se fosse um depósito, um HD que você guarda na memória. Então, por exemplo, memória pra se guardar, no sentido de preservação de uma cultura. Eu acho que tem a memória que a gente guarda de uma pessoa querida, do lugar que você nasceu... É esse termo de você preservar a cultura. E a memória no sentido da gente, “fulano tem a memória boa”, porque não esquece de nenhum fato que aconteceu. Você conta uma coisa hoje, amanhã ele está lembrado. Pra mim existem esses dois sentidos, não sei qual seria o que você estaria perguntando...

Domingos: E o a vida, o que é pro senhor?

Valdenor: Ah, a vida é um dom, presente que a gente ganhou. É uma oportunidade. A vida é um sentido bem amplo... Se a gente for ver só a vida agora, material aqui, é uma oportunidade. Mas a vida, no meu entender, ela é uma coisa que transcende, que vem de longe, que transcende outras esferas. Não é? Então a vida nossa aqui da terra, eu acho que é uma oportunidade da gente se aperfeiçoar, da gente crescer. Esse é o objetivo que eu acho que cada um tem que ter, não é? Não é chegar e passar pela vida, deixar que a vida passe por você. Então a vida é uma sequência de aprendizados, de erros, de acertos, em que a

gente tem que procurar fazer o máximo. Ninguém é perfeito, mas o objetivo, a estrada que a gente tem é essa, ir em busca da perfeição, não é? Se você não atinge, nós não temos condições de atingir, mas é sempre lutar para cada dia você ser melhor do que ontem.

Daniel: Se o senhor fosse uma música, que música seria?

Valdenor: É rapaz! Aí é difícil! *[Risos.]* Mas eu seria várias, um pouco de cada uma. Eu seria o “Rancho sem porta”, eu seria o “Coração online”, eu seria a “Canção da madrugada”. Eu seria muitas, um pouco de cada uma!

Domingos: A Cantoria de Repente, ela está sempre atual?

Valdenor: Está. É preciso que a gente esteja atual, porque se você deixar passar... Hoje, o cantor precisa, principalmente os que vivem da Cantoria e que estão prontos para todas as disputas, para todos os eventos. Ele tem que estar muito atualizado porque surge aí uma votação de uma lei tal. Daqui a dois dias, ele chega num evento e pedem pra que ele cante aquele tema. Então o cara tem que estar lá... Procurar dar o máximo. Se você não souber, você sai ali procurando uma coisinha ali... Mas aquele que se especializou muito, ele vai a fundo na coisa. Em uma Sexta do Repente que houve aqui o ano passado, uma dupla que chegou... No mesmo dia, depois deles, ia ter um evento, um tributo a Raul Seixas. Mas é um público totalmente diferente do [público] de Cantoria, mas a casa estava nesse dia lotada. O que acontece? Aquele público não é da Cantoria, mas estava ali pra assistir a Cantoria. Um deles sugeriu que falasse de Raul Seixas... Os caras deram um show dentro da vida de Raul Seixas, cantaram tudo dele. O pessoal ficou apaixonado pela coisa. Então você tem que estar preparado pra eventualidade que acontece.

Domingos: Às vezes, nos desafios, os cantadores se xingam?

Valdenor: É.

Domingos: Como fica depois?

Valdenor: Ali é só naquele negócio, só no momento ali. O tema solicitado é aquele, você acaba com o outro. Quando termina a coisa é o mesmo amigo de antes. Aquilo não resta, não sai dali não. Naquela hora ali você é só um personagem... Mas a gente não fala com o sentido de menosprezar o outro. Tudo o que se diz ali é tentando se sair... Você tenta se sair melhor do que o outro. Mas é só pelo fato que você é obrigado a cantar bem, não importa com quem, nem o que você diga. E se for sugerido que você cante dizendo aquilo dele, você diz, mas acabou e morre ali mesmo.

Domingos: E como que o senhor acha que vai ficar a Cantoria daqui pra frente?

Valdenor: Olha, a Cantoria não morre não. Ela já foi decretada a morte da Cantoria há muito tempo. Já vem de muito longe... Ela diminuiu muito, hoje a gente não tem mais o mesmo público, o mesmo tanto de público que tinha antes. Antes você fazia um festival aqui, essa

casa aqui não cabia gente. E hoje a gente faz o evento, vem duzentas pessoas, vem trezentas. Tem vezes que vem cem... Mas não acaba. A Cantoria não se acaba nunca. Aquilo que tem raiz e que presta, ela não acaba nunca. Não é como as músicas inventadas, criadas por mídia que deixam ali dois meses, três, e acabou, “vamos criar outra e vamos colocar pra frente.” Por isso mesmo que a Cantoria nunca estourou na mídia. Porque ela é feita com raiz e à mídia não interessa esse tipo de coisa. Por isso mesmo é que ela nunca chegou ao topo de sucesso, mas também não acaba. Quando a gente pensa que daqui pra frente não vai mais ter Cantoria, aí surgem vinte, trinta cantadores novos e com qualidade boa, que a gente tem mais trinta anos pra frente. Está garantido pelos cantadores que estão surgindo agora, garotos com vinte anos, dizendo, cantando muito. Então a gente tem a Cantoria garantida por mais trinta anos. Vai depender de público agora, mas acredito que, mesmo em número menor, não deixam a Cantoria morrer.

Domingos: E qual é a importância desses mestres cantadores, que estão há mais tempo na estrada?

Valdenor: São referências. A gente aprende com os mais velhos e transmite pros mais novos. Então é uma sequência, os cantadores mais velhos... A influência dele serviu de base pra gente começar. E o nome pra preservar, é como uma referência dentro da Cantoria. Então ajuda muito pra criar novos públicos, você tem uma referência pra citar dentro da Cantoria.

Domingos: Uma pergunta relacionada a Brasília. Aqui tem diversos tipos de culturas?

Valdenor: Tem. Um caldeirão. A Casa do Cantador principalmente... Porque essa Casa ficou muito tempo praticamente só com Cantoria. De um tempo pra cá, [é também de outras manifestações]. É um desperdício, uma Casa desse tamanho ficar esperando um evento de Cantoria de mês em mês, ou de dois em dois meses... É um espaço que tem que ser aproveitado, e nada mais justo do que, mesmo sendo a Casa do Cantador, tendo a Cantoria como referência... Ela abra espaço pra todos os segmentos culturais. A viola caipira mesmo, de vez em quando está fazendo um evento aqui, supera em dez vezes os eventos de Cantoria mesmo feitos na Casa. O rock vem pra cá, vem o rap, vem todos os segmentos culturais. Encontram espaço aqui desde que a agenda tenha espaço, nada mais justo do que isso. É quase que o único espaço mais apropriado pra evento, é a Casa do Cantador. Tem que ser aproveitada com o que existe de melhor.

Domingos: E essa diversidade cultural da cidade mesmo, o senhor se sente à vontade com isso?

Valdenor: Sente. Já foi muito separado essas coisas da cultura. Hoje está muito misturado. A viola caipira. Quando tinha os festivais aqui, trazia uma dupla de violeiro caipira... Zé Mulato e Cassiano fizeram várias apresentações dentro dos festivais daqui. Festival de violeiro caipira de Brazlândia, nós já fomos dois anos participar. Lá tem o evento e a gente participa como uma dupla especial dentro. Já junto com o rock, o forró, a gente está sempre, onde tem um evento do forró tem uma dupla de repentista... Então é uma coisa que tem que

estar... Cada um tem seu segmento, mas que pode juntar, é a oportunidade que tem da gente juntar públicos diferentes.

Domingos: O senhor gosta da sonoridade da viola caipira?

Valdenor: É muito boa. Sendo bem tocada, bem cantada pra mim é uma, a caipira mesmo em si. O pessoal, depois do caipira foi ramificando pro sertanejo, que hoje de sertanejo não tem mais nada. Mas a viola caipira é uma coisa incrível.

[Tocando viola Valdenor canta junto com Donzílio Luiz:]

Valdenor:

*Vamos elevar a voz
E tocar baião estridente
Sintonizar as ideias
Caminhar seguindo em frente
Tentar fazer das palavras
Um coquetel de Repente*

Donzílio:

*É bom se fazer Repente
Para que o mundo inteiro exista
Depois de reunião
De palestra e entrevista
Vem a demonstração
Do poeta repentista*

Valdenor:

*De buscar nova conquista
Era o que eu vinha esperando
Agora eu toco a viola
E vou seguir improvisando
Pra tentar dizer em versos
O que já disse falando*

Donzílio:

*Eu vivo de quando em quando
Viajando mundo afora
Com o baião da viola
Com a minha voz sonora
Jesus tem me permitido
E vou cantando até agora*

Valdenor:

*Com a minha voz sonora
Sigo por qualquer setor
Vou tentar equilibrar
E cantar seja o que for
Para fazer jus ao nome
De poeta cantador*

Donzilio:

*Com o nome Valdenor
E de Donzilio Luiz
A gente formando a dupla
Do jeito que o povo quis
Vamos fazendo dueto
Se sentindo bem feliz*

Valdenor:

*Junto a Donzilio Luiz
Quero cantar deste mito
Falar do nosso sertão
Com seu matagal florido
Pra não perder as origens
Do canto que fui nascido*

Donzílio:

*Desse jeito o mundo quis
Que vivesse mano a mano
Você lá do sertão quente
Do torrão paraibano
E eu do Itapetim
Do solo pernambucano*

Valdenor:

*Vamos cantar sem engano
E sem demarcar a divisa
O que a viola exige
E o que a plateia precisa
Pra que nosso verso vire
Conteúdo de pesquisa*

Donzílio:

Levando assim minha vida

É que vou vivendo assim

Uma letra pra você

Uma oliveira pra mim

Você da sua Pombal

E eu de minha Itapetim
